

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

Ainda sobre a chamada «Crónica do Condestabre»

Nas isuas *Lições de cultura e literatura portuguesas* (1.º vol., pág. 51 idia 4.ª adição, Lisboa, 1959) atribuiu-me o Prof. Hemaíni Cidade ai afirmação de que, tendo Fernão Lopes escrito as isuas crónicas miais de urna vez, antes de lhies conseguir dar forma definitiva, «teria sido de umiai dessas rediacções que foi extraída ia *Crónica do Condestabre*».

Fiz então ver ao ilustre Professor que não estivera no meu espírito o propósito ide afirmar, tanto assim que me limitara a aventar uma hipótese, interrogando- E o Prof. Cidade, considerando a razão de ser do meu reparo, prometeu-me corrigir o iliapso em próxima edição.

Entretanto, ao publicar, em 1961, o meu *curriculum vitae*, referi-me a esse passo, a pág. 75, acentuando que, «talem de termois usado o (condicional, interrogámos a frase que, por lapso, na sua transcrição, o Prof. Cidade tornou afirmativa». Depois, em 1963, na reedição da *Crónica de D. Pedro I* (Clássicos Portugueses. Trechos escolhidos. Introdução, a pág. 36, nota 4), voltando ao assunto, observei, referindo-me à chamada *Crónica do Condestabre*, paneoer-nos «possível admitir tratar-Se de mera compilação tardia de materiais dispares, talvez já retocados e ordenados pelo próprio Fernão Lopes, com vistas à redaicção definitiva das suas crónicas. Mas — acrescentava — trata-se de uma simples sugestão que está longe de ser incontroversa...». E em 1966, ma 2.ª edição da *Crónica de D. Fernando* (Cdlecção de Clássicos, cit., pág. 9), dei nova redacção à frase em causa, 'escrevendo, depois de me referir às fontes 'de Fernão Lopes, por ele reunidas e ordenadas antes de dar redacção definitiva às suas crónicas: « — Seria desse material mais ou menos trabalhado pelo nOsso cronista, que foi extraída a chamada *Crónica do Condestabre?*».

Não pode, por isso, deixar de nos surpreender que na 5.ª edição, Corrigida, actualizada e ampliada da referida obra, publicada em 1968, o Prof. Cidade tivesse mantido textualmente o que escrevera na edição (anterior, apesar 'de inexacto, sem aludir sequer à referida passagem ido meu *Curriculum*, nem ter em 'conta a 2.ª edição dos 'citados opúsculos, o que só potssO atribuir ia diisfracção do

meu sempre venerado Professor, tanto mais que eu lhe tinha oferecido (ambas as publicações, assinalando as passagens em causa*

*

Nada tenho a modificar ou corrigir ao que últimamente escrevi sobre o assunto, embora — não é demais repetir — o tenha feito a título de mera hipótese ou sugestão, apresentada sob a maior reserva.

De facto, o que em primeiro lugar (importa para se poder chegar a uma conclusão sobre a autoria ida* chamada *Crónica do Condestabre*, ou melhor, sobre a autoria de lalgumas 'expressões nela contidas — que levaram Aubrey Bell a interrogar, relativamente a uma delas: «Poderia alguém mais, além de Fernão Lopes, ter exclamado quando Nun'Alvares deu caridosamente o cavalo ao pobre de Torres Vedras, *Oo que humano e caridoso senhor?*» (*Fernão Lopes*, pág. 54 da 2.^a edição)—o que, dizia, em primeiro lugar, importa, para se poder chegar a uma conclusão, é averiguar se essa *Crónica*, tal como foi publicada, contém expressões da autoria do nosso cronista.

Mas, para tal, há ainda que pôr uma questão prévia: — Será forçoso admitir que essas expressões, que tanto impressionaram o ilustre lusólogo, sejam da autoria de Fernão Lopes?

É evidente que só poderemos responder satisfatoriamente a esta interrogação depois de formularmos um juízo sobre o estilo do nosso cronista. — Terá jelle, verdadeiramente um estilo próprio, uma vez que utilizou largamente fontes de diversa origem, muitas das quais se limitaria a copiar mais ou menos servilmente?

A resposta a esta interrogação já a deu o Prof. Rodrigues Lapa ao considerar que, para bem se poder avaliar «o génio literário de Fernão Lopes é bom que mos lembremos das *mitigas est orias*, a cuja graça e pitoresca 'energia da frase o nosso cronista deve sem dúvida muito», embora a sua personalidade se imponha quase sempre, «deixando nitidamente impressa a garra inconfundível do seu temperamento artístico 'empenhado em *determinar* melhor» (*Lições de Literatura Portuguesa — Época medieval*, págs. 289-290). E, do mesmo modo, o Prof. Hernani Cidade, referim'do-se também ao nosso Cronista, lembra «que ia sua capacidade metaforizante, suas adequadas icomparações 'lhe esmaltam uma prosa que assim oferece galas da imaginação para gozo dos sentidos, tanto como gentilezas de espírito para fruição da inteligência i(Op. cit., pág. 61

da 5.^a edição). E acrescenta, ao referir-se à descrição do cerco de Lisboa : «O autor excede muito em conhecimento em literatura medieval, pela patética simplicidade dos quadros mais que nenhuns realísticos, assim como pela humana piedade de que os comove» (*ibid.*, pág. 63), concluindo: «E porque a linguagem do seu *falamiento* é aquela que o poder de sedução e ressurreição da arte empresta à sinceridade da dor, também à distância de mais de cinco séculos, lendo-o, nós vemos e sentimos como se estivéssemos presentes, o grande drama da crise da nossa emancipação» (*ibid.*, pág. 64).

Ora isto, que é característico de uma personalidade literária inconfundível, não pode deixar de ser da própria autoria de Fernão Lopes, apesar do muito que ficou a dever às *estórias* anónimas de que se serviu, como nota Rodrigues Lapa.

Não obstante, o Prof. Salvador Amlaut — depois de observar que o nosso 'cronista gostava' mais «de encontrar a história já feita do que fazê-la a partir de elementos simples», de onde resulta que «quando finto tem de acontecer mais amiudadamente 'de aparece-mos mais só, mais ele próprio, e a obra perde em beleza» —conclui: «Sabia catar o belo nas obras alheias, mas talvez não se sentisse muito obrigado a, só por si, criar beleza (*Introdução à Crónica do Senhor Rei Dom Fernando*, Porto, 1966, pág. XIX).

Não podemos, de modo algum, concordar com este juízo. Realmente, o que nos parece razoável admitir é que os passos que nas crónicas de Fernão Lopes constituem a expressão de uma forte personalidade literária, que se revela com perfeita coerência em todas elas, são realmente criação sua. Assim, examinando a 2.^a Parte da *Crónica de D. João I*, que Salvador Amlaut cita para confirmar o seu ponto de vista, parece-nos antes dever concluir que a obra perde em beleza quando Fernão Lopes não chegou a afeiçoar as fontes que (compilou, ou apenas lhe pôde dar os primeiros retoques. Assim, nas descrições das batalhas de Aljubarrota e Valverde, no princípio da crónica, sente-se ainda, mais ou menos acentuadamente, o ritmo do seu próprio estilo, que, de facto, nos capítulos seguintes cada vez menos se revela.

Em conclusão: O que pretendi aventar—'aliás sob a maior reserva — foi que o facto de existir a *Crónica do Condestabre* não quer dizer que fosse da crónica que chegou até nós que se teria

servido Fernão Lopes, pois podia ter utilizado textos menos extensos, que só depois teria reunido, daí resultando um texto mais 'completo, antes mesmo de lhe dar uma redacção definitiva.

Assam se explica ter Russell admitido que o nosso cronista «dispôs de um texto do *Condestabre* muito mais minucioso do que aquele que hoje possuímos, simples resumo da versão original» (in *As fontes de Fernão Lopes*, pág. 30).

Realmente, como já tive ocasião de dizer, esta observação importa muito à solução do problema, pois nos permite admitir que a referida «crónica» resulta de um arranjo tardio, feito sobre um texto mais amplo.

Mas, tendo em conta que Fernão Lopes observara que, depois da morte de Nun'Álvares, «mortos os miais dos que lhe foram companheiros, já de seus bons feitos mais gastar nom podemos, se nom as escassas relliquias delles» (*Crónica del Rei dom Joham*, I Parte, cap. XXXII), seremos naturalmente levados a admitir que esse texto mais amplo, a que se refere o historiador inglês, teria sido possivelmente formado, como sugerimos, pela junção de diversos textos reunidos pelo nosso cronista, textos esses a que, porventura, tivesse acrescentado ou modificado uma ou outra frase — o poucas poderiam ser — em que ficaria a matraa da sua personalidade literária, como supõe Aubrey Bell.

Não obstante, cumpre observar que, como já tivemos ocasião de referir, o nosso cronista, ao descrever um 'episódio da vida de Nun'Álvares, alude a um «compillador destes feitos, de cujos garfos per mais largo estilo exertamos neiesta obra segumdo que compre» (*ibid.*, cap. CLII).

— Tratar-se-ia da *Crónica do Condestabre*, tal como a conhecemos?

Embora não nos atrevamos a considerar inadmissível tal hipótese, parece-nos talvez mais plausível que se tratasse de uma simples *estória*, menos desenvolvida, de que Fernão Lopes se teria servido largamente, tanto mais que assim, como já observámos, poderemos talvez responder satisfatoriamente às objecções divergentes do Prof. Hernani Cidade e de Aubrey Bell, pondio, de certo modo, de acordo as duas teses opostas.